

Miranda, Valtair. *Para pensar sobre o fim*. São Paulo: Fonte Editorial, 2024. 83 p. ISBN 978-65-00-96084-6.

Vitor Emanuel Correa de Mesquita1

A presente resenha tem como objetivo analisar de forma descritiva o livro do professor Valtair Miranda, intitulado *Para Pensar o Fim: O Que é Escatologia?* Valtair Afonso Miranda é teólogo, cientista da religião e historiador, com pós-doutorado em Cognição e Linguagem (UENF), doutorado em História (UFRJ), doutorado em Ciências da Religião (UMESP) e mestrado em Teologia (STBSB). É professor de História do Cristianismo na Faculdade Batista do Rio de Janeiro e tem realizado pesquisas na história da recepção das ideias milenaristas, da literatura apócrifa e da relação entre espiritualidade e saúde.

O livro de Valtair Afonso Miranda é dividido em cinco capítulos, cada um abordando um aspecto distinto da escatologia, tanto sob o ponto de vista teológico quanto histórico. A justificativa apresentada no livro do professor Valtair Miranda é oferecer ao leitor um panorama introdutório ao tema da escatologia, esclarecendo os principais conceitos e questões que envolvem o estudo do fim dos tempos. O autor propõe uma reflexão acessível sobre a escatologia, não apenas como um tema teológico, mas como um elemento de grande relevância para a compreensão da fé cristã e da vida cotidiana. A contribuição do livro é proporcionar ao leitor iniciado uma compreensão melhor compreensão sobre a escatologia.

No primeiro capítulo, Miranda apresenta uma análise introdutória e estruturada sobre as diferentes perspectivas e conceitos que permeiam a escatologia, distinguindo-a de noções correlatas, como apocalipse, apocalíptica e literatura apocalíptica. O capítulo é uma abordagem sistemática, que conjuga precisão terminológica e contextualização histórica, proporcionando ao leitor um panorama sobre do tema. Miranda inicia a discussão definindo escatologia como o estudo das últimas coisas, fundamentado na etimologia do termo: “*escaton*” (fim) e “*logia*” (estudo). Esse conceito é associado à intervenção divina última na história humana ou na vida individual, estabelecendo limites epistemológicos para o discurso teológico devido à incompreensibilidade de Deus e à falibilidade da linguagem humana (2024, p. 12). Ao identificar a morte como o cerne das preocupações escatológicas, Miranda explora questões existenciais e teodicas, conectando-as à universalidade do tema em diversas culturas e religiões (2024, p. 12).

A escatologia cristã, conforme o autor, distingue-se por sua centralidade em Cristo, abrangendo a esperança futura, como também uma análise do presente e do passado. Essa abordagem, segundo ele, dialoga com as tradições judaicas, das quais emerge a noção de uma intervenção divina transformadora que abarca não apenas um povo, mas todo o universo (2024, p. 13). Miranda explica que essa perspectiva é integrada à figura de Cristo no Novo Testamento, apresentado como o agente que inaugura e concluirá o “*escaton*”.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências da religião pela UMESp. Pós-graduado em História do Cristianismo pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Licenciado em Letras – Língua Portuguesa pela UNINTER. Formado em Teologia pela UNESA. E-mail: vitor.279@gmail.com

No tocante à literatura apocalíptica, Miranda ainda apresenta a emergência desse gênero literário entre 250 a.C. e 100 d.C., destacando sua função social e seu caráter reativo às crises históricas vividas por comunidades judaicas e cristãs. Segundo ele, essa produção textual, caracterizada pela utilização de figuras simbólicas, narrativas visionárias e um dualismo presente, reflete a resistência de grupos oprimidos (2024, p. 14-6). O autor identifica nos apocalipses uma tentativa de reconstruir a autoestima dos perseguidos e reafirmar a esperança em um desfecho histórico redentor, ainda que essa crise fosse, por vezes, apenas percebida subjetivamente (2024, p. 17).

Miranda também explora as conexões entre a apocalíptica e a escatologia, posicionando-as como respostas culturais e religiosas à opressão política e à desintegração sócio-religiosa. Ele descreve o apocalíptico como aquele que interpreta e ressignifica a história sob a ótica de uma intervenção divina iminente, propondo uma narrativa de esperança e perseverança em tempos de adversidade (2024, p. 18-20).

No segundo capítulo, Miranda inicia com uma reflexão sobre a origem dos enunciados escatológicos cristãos, apontando sua base na escatologia judaica. Para compreender os conceitos presentes na teologia cristã, o autor propõe uma análise do desenvolvimento histórico das ideias escatológicas a partir do Antigo Testamento. Ele então desenvolve cinco seções no capítulo, a saber: (I) escatologia no Antigo Testamento (II) escatologia entre o período do Antigo e o Novo Testamento (III) escatologia do movimento de Jesus (IV) escatologia Paulina (V) escatologia no apocalipse de João.

Por exemplo, na seção dedicada à escatologia no Antigo Testamento, destaca-se que os conceitos escatológicos passaram por transformações ao longo do tempo, refletindo as mudanças históricas e contextuais do povo de Israel. Inicialmente, as ideias de salvação estavam ligadas ao coletivo, enfatizando a redenção nacional em detrimento de questões individuais (2024, p. 21-4). A narrativa bíblica, conforme Miranda apresenta, exibe a evolução das esperanças escatológicas, começando com a promessa de bênção feita a Abraão, seguida pela expectativa da "terra que mana leite e mel" e culminando com a noção de um futuro reino messiânico (2024, p. 27-43).

Ainda no capítulo dois, na última seção, Valtair Miranda destaca a relevância do último livro do Novo Testamento como a principal obra formativa da escatologia cristã. O autor apresenta o apocalipse como uma peça central para compreender as narrativas escatológicas, situando-o em um contexto histórico específico de crises internas e externas enfrentadas pelas comunidades cristãs no final do primeiro século (2024, p.49).

Ele explica que o autor do Apocalipse, identificado como João, era um líder influente entre as igrejas da Ásia Menor. Conforme Miranda (2024), o livro foi escrito por volta de 90-96 d.C., durante o exílio do autor em Patmos, uma ilha no Mar Egeu. O contexto histórico é marcado por intensas perseguições romanas, como as de Nero (64-68 d.C.), e pelos efeitos devastadores da guerra judaica contra Roma, que culminou na destruição de Jerusalém em 70 d.C. Logo, Miranda explica que o autor do Apocalipse responde a essas condições de insegurança e instabilidade social, mas também aborda problemas internos, como o enfraquecimento da fé e divisões entre os próprios cristãos (2024, p. 50-4). Valtair Miranda trabalha os capítulos 12 a 16 do apocalipse como o núcleo do livro, articulado em torno de três sinais: a mulher vestida de sol, o grande dragão vermelho e os sete anjos com as taças de juízo. Esses sinais, ainda que desiguais em extensão, estão interligados e representam, respectivamente, o povo de Deus, os inimigos opressores e o juízo divino (2024, p. 52-3).

Miranda destaca a conexão entre os eventos narrados no apocalipse e a crise social e religiosa enfrentada pelos cristãos do primeiro século. O livro é apresentado como uma obra multifacetada, que combina elementos de carta, profecia e apocalipse. Neste sentido, o autor (2024) apresenta como a literatura apocalíptica se relaciona com as crises sociais na história. Miranda também ressalta o caráter otimista do Apocalipse, que, apesar de começar com imagens de sofrimento e violência, termina com uma visão de redenção e triunfo. Essa narrativa final reforça a soberania de Deus sobre a história e aponta para a intervenção definitiva com a vinda de Jesus Cristo. Miranda enfatiza que a mensagem central do livro é a implementação do Reino de Deus, que começa na história e se completa na transcendência, oferecendo uma visão esperançosa para os crentes em meio às adversidades.

De forma sucinta, o autor organiza uma linha evolutiva das ideias escatológicas, evidenciando como cada etapa reflete os anseios e desafios do povo de Israel. O texto é uma introdução abrangente e didática ao tema, conectando a escatologia antiga às bases do pensamento cristão.

Se no capítulo anterior Miranda realiza uma linha evolutiva das ideias escatológicas, no terceiro capítulo do seu livro, o professor Valtair Miranda traça um panorama histórico do pensamento escatológico cristão, abordando suas raízes judaicas e seus desdobramentos ao longo dos séculos. O autor retoma como a escatologia, inicialmente moldada pela apocalíptica judaica, foi gradativamente reinterpretada para atender aos desafios teológicos e contextuais de cada época.

Valtair explica que, nos primeiros séculos do Cristianismo, predominava a expectativa do juízo final e renovação do mundo, influenciada pelas concepções judaicas de intervenção divina. Neste sentido, segundo ele, a demora da segunda vinda de Cristo gerou questionamentos, com explicações variadas entre os cristãos, incluindo alegorização e postergação da volta de Cristo para arrependimento. Assim, Miranda segue ao longo do capítulo apresentando a transformação dessas expectativas do juízo final. O quiliassmo, crença em um reino milenar de Cristo, foi defendido até o século IV, quando Agostinho vinculou o milênio à ressurreição de Cristo e sua segunda vinda. Já na Idade Média, a escatologia foi sistematizada, com a ressurreição como centro. Na Reforma trouxe a exegese bíblica como base da escatologia, enquanto o iluminismo a usou para moralizar. Por fim, nos tempos modernos, teólogos como Barth e Bultmann reinterpretaram a escatologia como discurso sobre o presente, e pensadores como Pannenberg e Moltmann enfatizaram a transformação divina, relacionando escatologia a um futuro transformador.

Em síntese, o capítulo apresenta um estudo introdutório, mas detalhado da evolução do pensamento escatológico cristão, destacando as múltiplas leituras e adaptações que a temática recebeu ao longo da história. O professor Valtair Miranda oferece uma análise rica que conecta o desenvolvimento histórico às implicações teológicas.

No capítulo quatro, Valtair aborda as principais correntes que moldaram as visões cristãs sobre o fim dos tempos e a interpretação do apocalipse, refletindo diferentes tradições teológicas ao longo da história. Como afirma Valtair neste capítulo, a escatologia cristã se divide, principalmente, em quatro correntes: o pré-milenismo histórico, o amilenismo, o pós-milenismo e o pré-milenismo dispensacionalista. Cada uma dessas abordagens reflete uma compreensão distinta sobre o milênio (o reinado de Cristo na Terra) e os eventos que precedem e seguem sua volta.

No penúltimo capítulo de seu livro, Valtair Miranda apresenta uma proposta hermenêutica inovadora para a interpretação dos textos escatológicos bíblicos. Ele desafia abordagens unidimensionais tradicionais, como a leitura preterista, que limita os textos ao seu contexto histórico imediato, e a leitura futurista, que os interpreta como previsões exclusivas do futuro. Miranda sugere uma leitura tríplice dos textos escatológicos, considerando-os em três níveis complementares: o histórico, o dinâmico e o escatológico (2024, p. 70-1).

No primeiro nível, o nível histórico, a questão central é a compreensão do autor e seus destinatários imediatos. Miranda aplica essa perspectiva ao exemplo do anticristo no Apocalipse de João, defendendo que, nesse contexto, o anticristo seria o Imperador romano da época. Nesse caso, o foco está no contexto histórico e nas intenções do autor e de seus leitores.

O segundo nível, o nível dinâmico, é o nível de aplicação para o presente. Neste nível, a questão que surge é "Quem é o anticristo?", ou seja, quem, ao longo da história, personifica a oposição a Deus e ao ser humano. Segundo o autor, o anticristo não é uma figura isolada, mas uma constante ao longo da história humana, podendo ser representado por qualquer poder ou entidade que se coloque no lugar de Deus.

O terceiro nível, o nível escatológico, focaliza o futuro, tratando da manifestação final do anticristo, no contexto da volta de Cristo e do fim dos tempos. Esse nível é marcado pela esperança escatológica e pela certeza de que, embora o mal se manifeste ao longo da história, sua consumação ocorrerá com a vinda gloriosa de Cristo, quando o mal será finalmente derrotado.

Valtair ainda aborda questões como a escatologia e sociedade, enfatizando que os enunciados escatológicos não são apenas previsões sobre o fim, mas também refletem o presente. Em relação à escatologia e história, Valtair distingue três modos de abordar o futuro: presságio, profecia e apocalíptica. Enquanto o presságio busca prever o futuro de forma mecânica, a profecia está aberta à ação do povo e ao arrependimento, e a apocalíptica vê o futuro como algo já determinado, no qual o fiel deve perseverar em meio à adversidade. O autor defende que a escatologia cristã não se limita a uma visão fatalista, mas é sustentada pela esperança na vitória final de Deus, que já se manifestou na ressurreição de Jesus. Ao tratar da escatologia e Bíblia, Valtair critica a leitura literalista das escrituras, que tenta sistematizar as profecias bíblicas sem considerar o contexto histórico e teológico em que foram produzidas.